

Dra. Elaine Phillips, Esther, Palestra 1

© 2024 Elaine Phillips e Ted Hildebrandt

Esta será uma série de quatro palestras apresentadas pela Dra. Elaine Phillips sobre o livro de Ester. Depois de receber seu diploma de graduação em psicologia social pela Cornell University e o MDiv do Biblical Theological Seminary, Elaine Phillips, junto com seu marido Perry, estudou e lecionou por três anos em Israel. Elaine obteve seu doutorado em literatura rabínica pelo Dropsy College for Hebrew and Cognate Learning na Filadélfia e leciona estudos bíblicos no Gordon College desde 1993.

Recentemente, ela completou um comentário em livro sobre Esther, que está incluído no Expositor's Bible Commentary, editado por Tremper Longman e David Garland. Esta é a primeira palestra, fornecendo uma visão geral e também uma introdução aos desafios teológicos e éticos do livro e concluindo com uma introdução ao gênero literário e à estrutura de Esther, apresentada pela Dra. Elaine Phillips.

O Pergaminho de Ester é uma narrativa maravilhosa cheia de deliciosas ironias e reviravoltas, e começaremos revisando essa narrativa.

Xerxes, Assuero ou Ahasheverosh, no texto hebraico, é o rei ostensivamente poderoso do poderoso império persa. Ele perdeu uma batalha de vontades com sua esposa Vashti quando ela se recusou a se exhibir diante dos homens que participavam do banquete do rei. Aparentemente incapaz de ser decisivo devido à sua raiva face a esta afronta, ele foi aconselhado pelo seu principal conselheiro a transformar este assunto interno numa crise de Estado e, assim, emitiu um decreto para que Vashti nunca mais aparecesse perante ele, o que foi, claro, o que ela pretendia fazer em primeiro lugar.

Além disso, apesar da sua posição suprema, ele foi incapaz de desfazer o seu decreto quando recuperou o equilíbrio e, desta vez, dependia da sabedoria dos seus jovens servos para reorganizar a sua vida pessoal e encontrar para ele uma nova rainha no Reino. pessoa de Ester. À medida que a narrativa continua a desenrolar-se, Xerxes é surpreendentemente alheio à identidade judaica desta rainha, desatento durante cinco anos inteiros à lealdade do primo de Ester, Mordecai, enquanto frustrava uma tentativa de assassinato contra a vida do próprio rei, e cego às implicações ameaçadoras de As manobras de Hamã para se elevar e destruir um povo inteiro com um decreto selado com o anel de sinete do próprio Xerxes. Hamã foi um nomeado político de alto nível, na verdade, o segundo depois do rei.

No entanto, ele ficou fora de si com o orgulho ferido quando soube que Mordecai não se curvaria em sua presença conforme ordenado. A menção da existência e identidade judaica de Mordecai ofereceu a Hamã a possibilidade de uma represália

verdadeiramente malévola contra todo o povo de Mordecai. Hamã providenciou isso lançando um sorteio, chamado “pur”, para determinar o dia do massacre dos judeus, e então obteve a aprovação do rei de uma maneira particularmente tortuosa.

Quando o edito do rei, que na verdade era o edito de Hamã, foi divulgado, Mordecai desafiou a rainha Ester a arriscar a vida para intervir. Depois de três dias de jejum, Ester cruzou a fronteira e entrou nos aposentos do rei, conquistou seu favor e despertou sua curiosidade com um convite para um banquete privado ao qual compareceriam apenas ele e Hamã. Hamã voltou para casa exultante até encontrar seu inimigo Mordecai, cuja recusa em se levantar em sua presença o deixou com outra raiva, que foi abordada suavemente pela sugestão de sua esposa de um enforcamento público para Mordecai.

Nesse ínterim, aconteceu que o rei teve um ataque de insônia, e o antídoto foi uma leitura soporífica das crônicas da corte. Ao descobrir seu lapso na etiqueta da corte, que não havia recompensado Mordecai, o rei decidiu consertar a situação e perguntou a Hamã, que naquele exato momento chegou à porta de seu quarto para obter permissão para enforcar Mordecai, o que deveria ser feito pela pessoa que o rei desejava homenagear. Hamã, com o ego em ordem, estava certo de que o rei pretendia isso para ele e descreveu uma elaborada exibição pública, que foi então obrigado a exercer em nome de Mordecai.

Humilhado, ele chegou em casa bem a tempo de ser escoltado de volta ao segundo banquete que Ester estava oferecendo para ele e para o rei. Esses dois banquetes suavizaram suficientemente o rei e Hamã, de modo que a impressionante revelação de sua identidade judaica e a traição de Hamã enfureceram e aterrorizaram o rei e Hamã, respectivamente. Numa cena repleta de apreensão e raiva, o plano de Hamã explodiu na sua cara.

Seu apelo por misericórdia foi ignorado e ele foi enforcado no poste destinado a Mordecai. Em meio a essas reviravoltas, a personagem de Ester evolui de uma carga inicialmente submissa de sua prima para uma figura de autoridade notavelmente corajosa. Juntos, ela e Mordecai contrariaram o decreto mortal de Hamã com uma autorização real para os judeus se defenderem face aos ataques organizados em todo o império às suas pessoas e propriedades.

Eles tiveram sucesso. Uma celebração comemorativa chamada Purim, batizada em homenagem aos pobres, foi estabelecida e o pergaminho termina com a paz e a estabilidade reinando. Como o enredo é tão cativante, o leitor facilmente ignora a complexidade e a riqueza contidas neste texto.

A narrativa é ao mesmo tempo mordazmente sarcástica, pois zomba de toda a corte persa, e terrivelmente ameaçadora, já que o orgulho e o ódio feridos de um homem significam um desastre potencial para todo o povo judeu. O texto levanta questões

muito oportunas e desconcertantes sobre etnia, gênero e violência e herda a ortodoxia tradicional. Também está repleto de ambiguidade a cada passo.

O que devemos fazer com as escolhas e atividades de Vasti, Assuero ou Xerxes, Mordecai e Ester? Além do perverso Hamã, todas as figuras importantes da narrativa acumularam uma gama surpreendentemente ampla de avaliações de caráter de séculos de comentaristas. Da mesma forma, as comunidades representadas desde o vasto império persa até aos judeus da diáspora suscitam elogios e desprezo. Até o próprio Deus está sujeito a escrutínio.

Como devemos entender sua aparente ausência no palco dos acontecimentos humanos? É com estes desafios teológicos e morais que iniciaremos a nossa investigação. Na tradição rabínica, Ester foi lida como um livro de ocultação divina baseado na conexão lexical com Deuteronomio 31:18, parte do qual diz, entre aspas, certamente esconderei, “astir”, meu rosto. A conexão com Ester é clara.

Tanto a aparente ausência de Deus como as escolhas de Mordecai e Ester geraram uma série de avaliações do significado teológico do livro. Há estudiosos que rotularam o livro como secular, alegando que reflecte principalmente um compromisso cultural seguido de um nacionalismo excessivo, nenhum dos quais é exemplar. Neste contexto, a ausência do nome de Deus, a falta de oração e piedade evidentes e o comportamento questionável de Ester são vistos como provas de que ela e Mordecai representam uma comunidade da diáspora que era decididamente irreligiosa.

Não tinha a intenção de manter a aliança. Tinha perdido o sentido da presença de Deus e foi fundamentalmente desobediente ao permanecer na diáspora. Esta visão, no entanto, ignora várias questões significativas que afetam a interpretação do texto.

Em primeiro lugar, embora o pensamento pós-iluminista estabeleça facilmente uma dicotomia entre o nacionalismo secular e a intenção religiosa, isto era impensável na antiguidade tardia. EP Sanders observou, entre aspas, que a lealdade à comunidade era inseparável da lealdade à divindade que a deu origem. A identidade do grupo e a devoção a Deus andavam juntas.

O ateísmo era quase desconhecido no mundo antigo. Praticamente todos acreditavam que realmente existia uma esfera divina, citação próxima. Além disso, Deus está caracteristicamente presente de formas muito mais sutis nas narrativas que têm a ver com estrangeiros.

Isso é evidente tanto nas narrativas de José e Rute quanto em Ester. Eu sugeriria que há indícios da presença e atividade de Deus na narrativa, que demonstram que tanto

os personagens do drama quanto a autoria se identificaram como membros da comunidade da aliança de Deus. Primeiro, há alusões à atividade de Deus.

O apelo de Mordecai no capítulo 4, versículo 14, para ajuda vinda de outro lugar é o mais evidente. Mas da mesma forma, o judaísmo de Mordecai é a base para a esposa de Hamã reconhecer que algo maior e incontrolável está acontecendo. No capítulo 6, versículo 13, veremos tudo isso mais tarde.

Em segundo lugar, há apelos à intervenção de Deus, nomeadamente através do jejum. Terceiro, todo o conjunto daquilo que é frequentemente chamado de coincidências é cumulativamente significativo. A mais notável delas é a insônia do rei, mas coincidências aparecem do começo ao fim na narrativa.

Finalmente, a estrutura abrangente construída em torno da inversão inesperada das expectativas humanas atesta o controlo divino das circunstâncias e a esperança de justiça final. Este princípio está articulado no capítulo 9, versículo 1, com a expressão foi derrubado em referência ao plano malévolo dos inimigos dos judeus. Presumindo que o texto reflete a orquestração providencial de Deus dos eventos críticos, bem como a consciência do personagem principal de que ele está fazendo isso, então por que o narrador não nomeou abertamente Deus e atribuiu essas atividades a ele? Exegetas judeus medievais apresentaram explicações que vão desde a preocupação do autor em não ofender as autoridades persas, por um lado, até o medo de profanar o nome de Deus durante a frivolidade que passou a caracterizar a festa de Purim, nomeadamente o consumo excessivo de álcool.

Estas possibilidades continuaram a surgir em comentários recentes, mas ambas as sugestões são problemáticas. Notavelmente, o consumo excessivo de álcool em conjunto com o festival de Purim desenvolveu-se apenas no quarto século da Era Comum, e isso foi na Babilônia, então certamente não haveria nenhuma conexão ali. Mais substancialmente, a ambiguidade relativa à presença de Deus na narrativa permite-nos aplicações muito significativas e abrangentes.

As numerosas coincidências providenciais situaram-se em contextos que exigiam escolhas e ações humanas responsáveis e fiéis. Perante o recorrente silêncio divino, o povo de Deus é obrigado a escolher entre as alternativas imperfeitas que surgem nas verdadeiras ambiguidades da vida, tal como fizeram Ester e Mordecai. Ao mesmo tempo, as pessoas de fé estão confiantes de que Deus abordará a injustiça e o sofrimento e preservará o seu povo na sua sabedoria e no seu tempo.

Isto é extremamente importante, pois o texto seria lido e relido através de séculos cheios de dor e sofrimento para o povo de Deus. Voltando-se para a questão das ações responsáveis, há quem sugira que tanto Mordecai como Ester sofreram graves lapsos morais que resultaram na desaprovação silenciosa de Deus. O fato de Mordecai estar morando em Susa, para não falar de servir de alguma forma na corte,

em vez de ter retornado com os exilados, é apresentado como prova de sua desobediência.

Talvez uma pequena recapitulação da história fosse adequada aqui. Judá e Jerusalém foram devastadas por Nabucodonosor em 586, antes da Era Comum. O templo que Salomão construiu foi destruído e houve deportação em massa da população para a Babilônia.

Nesse contexto, a sua própria identidade religiosa foi minada pela perda de ligação à terra e pela reeducação na língua, literatura e cultura babilônicas. Temos uma ideia disso no capítulo 1 de Daniel e pelo apelo sedutor da cultura dominante. No entanto, a superioridade babilônica durou relativamente pouco.

O Império Persa substituiu os babilônios, e Ciro, o Grande, emitiu seu decreto em 539, enviando o restante fiel de volta a Judá, de acordo com a declaração profética de Jeremias de que eles realmente retornariam. Notavelmente, porém, foi apenas um remanescente que retornou. A maioria não o fez, tendo-se estabelecido confortavelmente nos seus vários contextos de diáspora.

Aqueles que retornaram encontraram séria oposição, mas mesmo assim responderam aos ministérios proféticos de Ageu e Zacarias, e finalmente completaram o segundo templo em 516, durante o reinado de Dario. Agora, o que é importante para os nossos propósitos é que Xerxes assumiu o reino da Pérsia de Dario em 486, cerca de uma geração após a conclusão do segundo templo. Parece que as comunidades judaicas foram estabelecidas em toda a diáspora com pouca intenção de regressar à terra.

Isto pode ser justificadamente interpretado como desobediência e falta de lealdade a Deus e ao seu povo da aliança, que foram significativamente definidos no contexto daquela mesma terra. Contudo, para manter isto no seu contexto bíblico mais amplo, é significativo que tanto Esdras como Neemias, no início das suas histórias individuais, também ocupassem posições de destaque em Susã. Na verdade, é revelador que esses acontecimentos tenham ocorrido quase uma geração depois da crise narrada no Livro de Ester.

Talvez a onda de sentimento pró-judaico e o padrão estabelecido pela posição de Mordecai tenham preparado o caminho para os papéis proeminentes que Esdras e Neemias ocuparam na corte persa antes de seus respectivos retornos à Judéia. Uma outra acusação contra Mordecai centra-se na sua vontade, talvez para promover os seus próprios interesses, de enviar Ester para o covil da iniquidade que era a corte persa. Além disso, ele proibiu Ester, uma vez que ela se encontrasse naquele contexto, de revelar a sua identidade com o povo da aliança de Deus.

Isto poderia significar o seu total desrespeito pelos aspectos espirituais da sua herança e a sua pretendida assimilação naquela cultura dominante. Contrariamente a esta imagem, no entanto, há indicações logo no início do texto de que ele não era tão insensível. Na ausência dos pais de Ester, ele cuidou dela e a adotou como filha.

A descrição de Ester enfatiza sua extraordinária beleza, que excede em muito os critérios para ser arredondada. Ser levado era inevitável. Depois que ela ficou presa no harém, a preocupação de Mordecai por ela ficou evidente em suas caminhadas diárias fora do palácio.

Desenvolveremos cada um deles mais detalhadamente em conjunto com o texto. Os críticos de Ester também surgiram em vários setores. De uma perspectiva feminista, ela é um modelo seriamente deficiente em contraste com Vashti, que corajosamente recusou ser um objecto na posse do rei e, como resultado, entregou a sua coroa.

Ester, em contraste, fez passivamente o que lhe foi ordenado, permitiu-se ser controlada por um homem após outro e exerceu artimanhas femininas manipuladoras como uma rainha poderosa. Isto levou alguns leitores a considerar o texto como desagradavelmente subversivo. Além disso, Ester parece não ter tido escrúpulos em entrar no harém e participar de uma competição cujo único objetivo era satisfazer o apetite sexual do rei pagão e lascivo.

Agora, desde o início da história de Israel, o casamento misto com grupos de povos em Canaã foi proibido. Vemos isso em Deuteronômio capítulo 7 por causa da tentação da idolatria. A mesma motivação esteve por trás das medidas severas durante as atividades de reforma de Esdras e Neemias narradas em Esdras 9 e Neemias 13.

As esposas estrangeiras foram presas naquela época. Estas atividades ocorreram em meados do século V a.C., cerca de uma geração depois da época de Xerxes e Ester. O fator determinante, porém, foi que Ester foi levada, novamente, como parte da reunião de jovens para preencher o harém do rei.

Além disso, embora a interpretação mais óbvia pareça ser a de que Ester realmente provou na primeira noite ser a parceira sexual mais memorável do que todos os outros candidatos, mais de um estudioso sugeriu que o rei estava intrigado com ela especificamente porque ela não capitular aos seus caprichos. Judith Rosenheim, entre outras, é uma das principais defensoras disto. Afinal, Xerxes tinha acesso a um harém completo para esses prazeres.

Apresentações um pouco mais favoráveis atribuem a Ester uma transformação de caráter, da passividade inicial para a coragem franca. Mais precisamente, porém, ela é uma atriz desde o início dentro da maquinaria mais ampla da casa real e da corte. Ela ganhou o favor de pessoas importantes.

Um favor é uma expressão hebraica mais dinâmica do que o favor normalmente encontrado, e é usado consistentemente com Ester ao longo deste texto. Ela atuou com sucesso como intermediária entre Mordecai e o rei quando Mordecai descobriu a conspiração de assassinato no final do capítulo dois. Quando chegou a hora de passar para a arena pública, Esther estava pronta para fazê-lo e foi extraordinariamente estratégica em relação a toda a operação.

Ela conseguiu o apoio do povo judeu, bem como de suas próprias donzelas. Ela confrontou o rei e Hamã, providenciou medidas de autodefesa para as populações judaicas e finalmente instituiu o festival. E isso nos leva a um foco mais nítido nos propósitos do texto.

Está claro que existem duas intenções primárias inter-relacionadas neste texto. Uma delas é o estabelecimento da celebração anual para comemorar a libertação dos judeus da aniquilação em todo o império. Ler a história se tornaria parte integrante dessa comemoração.

O capítulo nove estabelece firmemente o festival de dois dias. Esta ênfase foi particularmente importante porque, ao contrário dos principais festivais judaicos, Purim não foi instituído no Sinai. No entanto, alguns estudiosos veem a conexão entre a narrativa da libertação nos capítulos um a oito e a observância do festival, capítulo nove, como secundária e artificial.

Estudiosos do século XIX propuseram hipóteses criativas que tentavam explicar satisfatoriamente por que a história de uma libertação judaica estaria ligada ao que eles supunham ser uma celebração pagã pré-existente, fosse ela de origem assíria, babilônica ou persa. A natureza deste festival hipotético, no entanto, era tão provisória quanto o seu ponto de origem proposto. Alguns sugeriam o ano novo, outros um festival de primavera e outros ainda ligados a uma festa em memória dos mortos.

O que parece estar claro é que o termo acadiano Puru ou Purim, que pode ser rastreado através de textos assírios e babilônicos, significava sorte e, secundariamente, destino. Em outras palavras, a prática de lançar sortes para determinar o resultado da história era uma prática estabelecida há muito tempo. Judith Rosenheim observou que na cultura persa, os resultados do lançamento de Pur, ou sorte, eram percebidos como evidência das decisões predeterminadas de uma divindade pagã.

Assim, o lote não indicou acaso. Em vez disso, talvez Hamã estivesse consultando seus deuses. Dado este contexto sócio-religioso mais amplo, é importante que esta narrativa se desenvolva como se desenrola, com Deus aparentemente silencioso e, portanto, não previsível, mas soberanamente livre para reverter a data que foi

definida ao lançar o Pur e fazê-lo particularmente em conjunto com a tradição da libertação na Páscoa.

Porque havia um mandato para comemorar o evento, foi necessário estabelecer a recitação da narrativa para que ela fosse de fato, de acordo com Ester capítulo 9 versículo 28, lembrada e realizada. É este mandato que reúne a narrativa dos capítulos 1 a 8 com a legislação relativa à festa. Tinha que ser contado e ouvido para recapturar a experiência de geração em geração.

Ester deveria ser lida anualmente para que os israelitas revivessem o apagamento da memória de seu inimigo até que o reino de Deus chegasse. Os comentaristas judeus medievais viam a narrativa de Ester como uma antecipação da redenção final, quando as forças do mal, sintetizadas nos malaquitas, seriam finalmente destruídas. Assim, a narrativa assumiu proporções cósmicas.

Como resultado, ao longo do século seguinte, as peças de Purim, conhecidas como discursos de Purim, tornaram-se parte integrante deste aspecto comemorativo. A narrativa não apenas autenticou o festival, no entanto. É o único texto bíblico focado exclusivamente na vida na diáspora.

Ao contrário do resto da literatura pós-exílica da Bíblia que enfatiza o regresso à terra, esta narrativa apresenta as complexidades envolvidas na escolha de permanecer na dispersão, bem como a vulnerabilidade dessas comunidades da diáspora. Por um lado, o final desta história apresenta ao leitor um Mordecai totalmente integrado, aparentemente desprovido de tensão entre a sua associação com a corte pagã e a vida entre o povo de Deus. Em vez disso, tanto ele como Esther usaram criativamente os mecanismos do sistema existente para o benefício do seu povo.

Mas, por outro lado, não há dúvidas sobre a natureza fundamentalmente indigna de confiança do reino pagão. O tom farsesco inicial da narrativa simplesmente intensifica o choque que se aproxima, à medida que o orgulho e o egoísmo se transformam em ódio assassino muito rapidamente. Ao longo da história dos judeus na diáspora, tanto nos contextos orientais como ocidentais, a maré virou-se contra eles com uma frequência terrível e as próprias tentativas de autodefesa foram muitas vezes consideradas ilegais.

Ironicamente, a assimilação cultural extensiva, vista como protecção, resultou muitas vezes numa reacção de proporções catastróficas, da qual os últimos dois séculos da história da Europa Ocidental são o mais recente lembrete preocupante. Em suma, o texto de Ester é vital. Demonstra uma teologia para a dispersão, como diz um comentador, na qual a acção judaica é tão necessária como a confiança na providência de Deus.

Preparou os judeus para a sua existência precária nessas comunidades dispersas durante os séculos vindouros. Nesse sentido, é uma parte absolutamente essencial do cânone. E então, finalmente, Esther desafia todos os leitores, nós, a considerarmos de que maneira Deus nos preparou para um tempo como este e exatamente como esses tempos poderiam ser em cada uma de nossas vidas.

Uma mensagem do texto tem a ver com viver fielmente em sistemas que podem estar significativamente em desacordo com as nossas tradições religiosas. Passando dos propósitos para as preocupações históricas e literárias, já notamos a cronologia geral da transição dos impérios Babilônico e Persa, e a posição dos judeus da diáspora nesse contexto. Vamos desenvolver o caráter de Xerxes, ou Assuero, só um pouco mais.

A principal fonte extra-bíblica é Heródoto, com alguns detalhes adicionais encontrados nas obras de Xenofonte e Ctesias de Cnido. Existem também inscrições persas e evidências arqueológicas que iluminam a nossa compreensão. Antes da morte de Dario, sob quem o segundo templo foi concluído, Xerxes era príncipe herdeiro e governador da Babilônia.

Ao se tornar rei, e reinou de 486 a 465, suas atividades militares o levaram primeiro ao Egito, e então ele foi obrigado a reprimir uma rebelião na Babilônia. Ele passou então os quatro anos seguintes, e isto será importante, reunindo uma força enorme para o ataque à Grécia, uma aventura que desolou Atenas, mas que terminou na derrota final de Xerxes. Segundo Heródoto, Xerxes era um déspota cruel e lascivo, caracterização que se enquadra bem na narrativa.

Quando Xerxes foi assassinado, Artaxerxes I assumiu o trono. Além do contexto persa que acabamos de descrever, o Livro de Ester reverbera ecos de toda a história da aliança israelita. A principal delas é, sem dúvida, a inimizade de longa data entre Israel e os amalequitas.

Aprendemos no capítulo 2 que Mordecai era da tribo de Benjamim, e um de seus ancestrais tinha o nome de Quis. O leitor deve relacionar isso ao rei Saul, cujo pai era Quis. O arquiinimigo Hamã, por outro lado, também está explicitamente ligado a uma linhagem venerável, a de Agag.

O público astuto reconheceria alguns assuntos inacabados significativos do período inicial da monarquia israelita, quando o Senhor ordenou ao rei Saul que destruísse os amalequitas, cujo rei não era outro senão Agag. Este é o capítulo 15 de 1 Samuel. Esta não foi uma ordem caprichosa do Senhor.

O julgamento sobre os amalequitas foi um cumprimento da declaração de Deus em Êxodo, capítulo 17, versículo 14, de que ele apagaria a memória dos amalequitas pelo ataque a Israel, conforme descrito anteriormente no capítulo. A brutalidade

desse ataque fica clara no capítulo 25 de Deuteronômio; os versículos 17 a 19 são particularmente importantes. Em resumo, dizem que os amalequitas atacaram aqueles que eram fracos e que estavam atrás dos israelitas.

Esta foi uma atividade viciosa. Foi hediondo. Foi repreensível.

Subjacente a esse encontro militar está uma hostilidade anterior. Amaleque era descendente de Esaú, Gênesis 36 versículo 12, e sabemos que havia pouco amor perdido entre Jacó, ou Israel, e Esaú, seu irmão. De qualquer forma, Saulo desobedeceu ao Senhor e deixou Agag vivo.

O confronto entre Mordecai e Hamã revisitou aquela antiga tensão étnica, desta vez permeada pela aparente injustiça da ascensão de Hamã ao poder, enquanto Mordecai permaneceu não reconhecido. Existem conexões bíblicas adicionais que aguçam a inimizade expressada contra os judeus por Hamã. O decreto para destruir, matar e aniquilar os judeus foi escrito no dia 13 do primeiro mês.

Isso é um dia antes da Páscoa. Em vez de comemorar naquela ocasião festiva, a população judaica do primeiro mês da Páscoa celebrava os dias 14 e 15 de Adar, último mês do ano. A lembrança coletiva da opressão brutal e da subsequente libertação reverberaria por toda a comunidade judaica, tanto naquela ocasião como à medida que a narrativa fosse lida nos séculos seguintes.

Os dois dias de comemoração da libertação foram estabelecidos como 14 e 15 de Adar, último mês do ano. Eles também são paralelos à celebração da Páscoa nos dias 14 e 15 de Nisan, o primeiro mês, e ambos deveriam ser guardados para sempre. Outras conexões com os contextos do Egito e do Êxodo podem ser encontradas nos paralelos entre a narrativa de José e a de Ester contra Mordecai.

Eles vão desde o espelhamento da linguagem real até os temas amplos representados. Em cada caso, a presença de Deus é silenciada. Afinal, era um país estrangeiro.

E isso nos leva ao estilo da narrativa e à historicidade. Trataremos primeiro da historicidade. A narrativa preocupa-se com datas, números, nomes e procedimentos, e isso indica que pelo menos pretendia ser lida como história.

Além disso, em muitos detalhes, a correspondência entre Ester e as fontes extra-bíblicas é notável, um ponto admitido pela maioria dos estudiosos. No entanto, embora tenha sido cada vez mais demonstrado que o autor representa os costumes, a cultura, a língua e os costumes da corte persas de uma maneira plausível, este enredo e esses personagens não são atestados. Isso deixa muitos a sugerir que o texto pretendia ser alguma forma de ficção histórica.

Se for assim, questões de historicidade em relação aos detalhes podem ser consideradas irrelevantes. Por outro lado, se for de facto uma narrativa histórica, então é importante estabelecer a veracidade da sua interpretação. Deveria fazer o cético pensar que Purim foi de fato adotado e praticado com entusiasmo, algo bastante inexplicável se a base fosse inteiramente fabricada.

A essência da narrativa é a libertação de Deus de seu povo de uma catástrofe muito real em formação. Esta mensagem de esperança seria severamente diminuída se essa libertação nunca fosse, de facto, concretizada. Praticamente todas as introduções do texto abordaram as supostas imprecisões de uma perspectiva ou de outra.

Eles fornecem uma lista dos problemas. Ocasionalmente, categorizam-nos de acordo com o seu grau de improbabilidade e indicam porque são insolúveis ou reúnem provas para demonstrar que este problema deve ser visto como uma pista falsa. Minha intenção aqui é simplesmente examinar novamente as questões principais.

Observou-se primeiro que a probabilidade de Ester se tornar rainha era pequena porque a rainha deveria ser escolhida entre as sete famílias cujos nobres haviam participado da derrubada dos magos quando Dario chegou ao poder. Podemos ler sobre isso no terceiro livro de Heródoto. O registro de Heródoto, porém, reflete um acordo entre os conspiradores que ocorreu apenas uma geração antes de Xerxes.

Esta não era uma tradição de longa data e, na verdade, isso omitiria a linha do próprio Ciro. Portanto, esta não parece ser uma crítica muito válida à historicidade. Mais desafiador é o facto de não haver corroboração externa da posição de Mordecai como segundo no império.

Observe o paralelo com José. Há um documento cuneiforme sem data do período persa que se refere a um Marduka que se pensava estar em um alto cargo no final do reinado de Dario ou no início do governo de Xerxes. Publicado pela primeira vez em 1940 e mencionado repetidamente por estudiosos subsequentes, foi aclamado como evidência do bem posicionado Mordecai que o texto bíblico de fato representa.

Infelizmente, avaliações mais recentes do texto questionam se o Marduka deste texto era realmente tão proeminente como se pensava inicialmente e se ele estava no cargo depois de 502, o que seria muito antes da época de Xerxes. Dado o significado religioso do próprio Marduk, dos deuses e do Panteão, não é incomum encontrar a variação desse nome entrelaçada em vários nomes pessoais do período. Então, realmente não temos evidências de uma forma ou de outra.

Por outro lado, a figura bíblica de Mordecai não surge nas páginas das histórias seculares; pode ser apenas um reflexo dos milénios de escrita da história em que os actores e acontecimentos judaicos que foram de facto determinantes para os judeus

foram negligenciados. O problema mais desafiador é a identidade de Vashti. Ostensivamente a rainha reinante apenas até sua deposição em 483, três anos depois que Xerxes subiu ao reino, ao trono.

A sua relação com a notória Amestris, esposa de Xerxes, que Heródoto descreveu como tendo participado numa intriga real após a campanha para a Grécia em 480, é a nossa questão. Uma possibilidade é simplesmente afirmar que nem Ester nem Vasti vieram à tona no registro de Heródoto sobre as mulheres reais, das quais parecia ter havido um grande número. Afinal, Amestris era uma figura muito mais colorida, e Heródoto tendia a optar pela cor.

Heródoto observou de passagem que em sua velhice, por exemplo, Amestris enterrou vivos 14 filhos de persas notáveis como uma oferenda de agradecimento ao deus do submundo. A narrativa da sua crueldade para com a esposa de Macistes, à qual voltaremos, é igualmente horrível. Amestris ainda estava viva e influente quando seu filho Artaxerxes chegou ao poder após o assassinato do próprio Xerxes.

Parecia que ela não havia perdido o talento para a brutalidade ao crucificar um Inaros, decapitar 50 gregos e enterrar vivo Apolônides de Kos. Em outras palavras, ela era uma figura colorida e ainda estava em cena. Dito tudo isso, pode ser possível que Amestris e Vashti fossem o mesmo indivíduo.

Dois estudiosos, Shay e Wright, trataram extensivamente deste assunto. Vou apenas apresentar um resumo do que eles têm a dizer. Em primeiro lugar, os nomes são notoriamente fluidos na transição de um idioma para outro.

Embora o nome Vashti não se pareça muito com Amestris, ele representa a versão em inglês da versão hebraica de um nome persa. Quando Heródoto colocou esse nome persa em grego, foram necessárias substituições porque nem a primeira nem a segunda consoante tinham equivalente em grego. Então, possivelmente, essas são as duas pessoas e duas versões diferentes desse nome.

Além disso, Amestris não era apenas a esposa de Xerxes. Ela também era filha de um de seus comandantes, Otannus, que era um dos sete nobres importantes mencionados acima. Ela já tinha dado à luz os dois filhos de Xerxes, e Artaxerxes o terceiro, o terceiro filho, Artaxerxes o primeiro, o terceiro filho, nasceu mesmo em 483, ano de que estamos falando.

Estas circunstâncias podem ter significado, na prática, que embora ela pudesse ser banida do quarto de Xerxes e privada da coroa, havia limites para o banimento e boas razões políticas para mantê-la na extensa casa real. E então uma terceira coisa que queremos levar em consideração. Pouco depois dos acontecimentos do capítulo um, Xerxes partiu para travar uma guerra na frente ocidental e esteve ocupado lá durante os três anos seguintes.

Pode ser que Ester, capítulo dois, versículo um, que começa com, depois dessas coisas, Xerxes se lembrou de Vasti, se refira a essa passagem de tempo e que a captura em massa de jovens mulheres não tenha começado até seu retorno. Sabemos que a primeira entrada de Ester, após um ano de preparação, foi no sétimo ano do rei, que teria sido 479. Nesse ínterim, Heródoto apresenta um boato muito complicado e colorido sobre o namoro de Xerxes com sua sobrinha, o ciúme de uma amante e a sua vingança astuta e brutal contra a mãe da pobre jovem, que era esposa de Maciste, a que me referi anteriormente.

Foi uma cena horrível. Heródoto dedica páginas a isso. Pode ser que depois destes acontecimentos, Xerxes estivesse mais do que pronto para uma nova rainha.

Talvez a lembrança dele de Vashti e do que ela havia feito não fosse inteiramente com carinho, se essa lembrança incluísse suas atividades nos três anos seguintes. Em qualquer caso, a narrativa de Heródoto não afirma que uma amante foi rainha do sétimo ao décimo segundo ano do reinado de Xerxes. Isso seria realmente um exagero.

Outro problema. Embora a irrevogabilidade da lei dos persas e dos medos pareça incômoda e verdadeiramente irrealista na nossa concepção de jurisprudência, é importante situar a palavra real imutável na sua cultura teológica e política, na qual os deuses deram mandatos inalteráveis e os reis imitaram os Deuses. A teologia política persa significava que a palavra do rei, uma imitação dos deuses, unificava o reino.

Neste contexto, seria de facto essencial que a lei dos medos e dos persas fosse irrevogável. E era igualmente essencial que existissem mecanismos para contornar essas leis imutáveis. A propósito, parece que os judeus ficaram suficientemente impressionados com este fenômeno para incluí-lo tanto em Daniel como em Ester.

Agora olhamos um pouco para os textos e versões, o que é um aspecto incomum em termos de Ester. O texto de Ester apresenta desafios porque existem duas versões gregas existentes, que são significativamente diferentes uma da outra em alguns pontos, além de serem embelezadas além do texto hebraico. Quanto mais acessíveis e mais longas as versões gregas, chamadas de texto beta ou texto B, aparecem na Septuaginta.

Em termos gerais, consiste em seis edições principais, todas as quais realçam, e este é o ponto importante, o conteúdo teológico ou dramático do texto, nomeando Deus, descrevendo a sua intervenção abertamente, relatando um sonho apocalíptico que Mordecai teve e, eventualmente, a sua intervenção. interpretação, inserindo orações de Mordecai e Ester, e descrevendo a audiência de Ester com o rei, além de apresentar os textos dos editais reais. Como resultado dos acréscimos, como fica

óbvio no meu resumo, Deus e Mordecai são centrais no texto, em vez de Ester, e a estrutura narrativa enfatiza temas-chave significativamente diferentes. Há também modificações na narrativa da Septuaginta além dessas seis unidades distintas, e muitas esclarecem ambiguidades aparentes no texto hebraico.

O segundo texto grego, chamado texto alfa, é visivelmente mais curto. Contém as seis edições que caracterizam a Septuaginta, mas uma vez retiradas estas, não traz qualquer indicação da irrevogabilidade das leis dos persas e dos medos, detalhe que altera bastante o desenvolvimento da narrativa. Depois que Hamã morreu, Mordecai simplesmente pediu que o decreto fosse revogado.

O rei confiou a Mordecai os assuntos do reino, e não houve conflito subsequente entre os inimigos dos judeus que ainda pretendiam destruí-los e os judeus que mataram em legítima defesa. Ester é o único texto fora da Torá, o hebraico do Antigo Testamento, que tem dois targum, traduções aramaicas, dedicados a ela. O primeiro reproduz cuidadosamente o texto hebraico, mas intercala material que efetivamente serve como comentário gramatical e interpretativo.

O resultado final é cerca de duas vezes maior que o texto hebraico. A segunda tradução aramaica é ainda mais ampliada, o que reflete tanto a popularidade da narrativa de Ester quanto o desenvolvimento adicional de enfeites criativos que acompanharam a história. Em ambos os casos, há uma preocupação real em dar maior visibilidade à prática e à crença religiosa.

Há uma considerável falta de acordo quando se trata de determinar o gênero do texto. Na verdade, alguns estudiosos hesitam em anexar um único rótulo porque o texto manifesta uma rica variedade de características literárias. Uma característica definitiva da história, como sabemos, é a divertida sátira à inepta corte persa, em forte combinação com o medo sinistro do genocídio.

Alegando que o humor está repleto de improbabilidades e exageros, o texto tem sido frequentemente chamado de farsa literária ou burlesco na cena da corte persa ou de uma fusão carnavalesca de paródia e ambivalência. Outras sugestões são romance histórico ou novela. E num sentido relacionado, o emaranhado de linguagem legislativa no final deu origem ao rótulo de ideologia festiva.

Cada uma dessas categorias implica que a obra é principalmente ficção. No entanto, dada a notável representação do contexto histórico, eu sugeriria que o melhor rótulo poderia muito bem ser narrativa histórica. E quando o texto é lido na íntegra, voltando-se para a estrutura, vemos evidente um quiasma abrangente.

A moldura externa da estrutura quiástica consiste em pares de festas, elas próprias emolduradas por avisos da grandeza de Assuero e, no final, Assuero e Mordecai. O

primeiro capítulo descreve os luxuosos banquetes do rei. O primeiro foi para os militares e a nobreza, e o segundo foi para os residentes de Susa.

Da mesma forma, o pergaminho termina com duas celebrações de Purim, também uma festa para beber, uma no dia 14 de Adar e a segunda no dia 15 para Susa. O quiasma tem como ponto de viragem central a insônia do rei, Ester capítulo 6 versículo 1, que ocorreu entre os dois banquetes privados de Ester. A insônia do rei e a subsequente troca entre Xerxes e Hamã estavam tão fora do alcance dos planos e esquemas de qualquer pessoa, seja para o bem ou para o mal, que servem como testemunhas impressionantes da obra soberana de Deus.

E a colocação no centro da narrativa dá uma ênfase sutil a isso. Pares adicionais no quiasma são a ascensão de Hamã, paralelamente à ascensão de Mordecai. A identidade de Ester como gentia, acompanhada pelos gentios que se declaram judeus, e as fatídicas trocas entre, por um lado, Mordecai e Ester, paralelas às tensas trocas entre Ester e Assuero no segundo banquete.

Um termo que surge repetidamente em comentários recentes é peripécia, que se refere à reversão repentina e inesperada dos acontecimentos. Estas repetições e inversões padronizadas fazem avançar a narrativa e realçam o profundo significado da presença soberana de Deus na vida do seu povo. O princípio é articulado explicitamente em Ester capítulo 9, versículo 1, ao qual já nos referimos, e foi derrubado.

A repetição ocorre em larga escala como pano de fundo estilístico para as reversões, mas não se limita a esse meio. Há uma superabundância de pares de palavras, indicações repetidas de eventos e conjuntos de declarações e solicitações. Esses dupletos são evidentes na descrição da corte persa, que se caracteriza por um vocabulário particularmente rico e excessivo para transmitir a opulência da corte.

Os pares de palavras são representativos do oficialismo persa, como John Levinson o chama, e podem fazer parte da sátira humorística da cena real. Além disso, esses pares levam ao padrão crítico de petição e solicitação dos convites do rei a Ester para expor seu caso, como veremos em ambos os seus banquetes, primeiro em Ester capítulo 5 e depois repetido novamente em Ester capítulo 7. É também possível que esses pares verbais e os pares de festas sejam todos esboços da celebração de dois dias de Purim. Em outras palavras, a dualidade é terrivelmente importante aqui.

Além disso, talvez as duas cartas no final continuem a ênfase nos atestados duplos, e a dualidade omnipresente também possa reforçar o tema da lealdade dupla, com a qual os judeus no contexto da diáspora sempre lutaram. Em vários pontos-chave, e isto será crítico estilisticamente, estas díades, que são omnipresentes, são substituídas por trigêmeos, principalmente no contexto de sancionar e efetuar a

violência. Eles, por sua vez, dão lugar a sequências verbais de júbilo quádruplas à medida que vemos os judeus se recuperando, descansando e se regozijando.

Além do aparecimento peculiar e repetido de pares, há uma superabundância de formas verbais passivas em contextos críticos. As primeiras aparições de Ester são descritas quase exclusivamente desta maneira. Ela é influenciada por forças maiores e anônimas, assim como o povo judeu.

Mas este mesmo anonimato tem um círculo mais amplo do que apenas Ester, as suas jovens e os judeus. Permeia as cenas judiciais da narrativa e, nesse contexto, pode despojar a burocracia da responsabilização. O mais interessante é que as formas passivas também permitem ambiguidade em relação a quem é responsável pelo que acontece.

E como ponto final, implícito neste dispositivo estilístico, voltando ao nosso sentido de propósito da narrativa, pode estar um reconhecimento do orquestrador divino sem nome. E com isso vamos parar a introdução.